



Mestre Galdino

Biografia

Mestre Galdino [Manoel Galdino de Freitas]

1924, São Caetano I PE – Brasil - 1996, Alto do Moura I PE – Brasil

Galdino, que imprimiu papel de carta em Caruaru, 1986, intitulando-se “Ceramista e Poeta”, é um dos mais importantes escultores atuantes no país no século XX. Prendia na mão dos seus personagens de barro, ou em reentrâncias da escultura, papeizinhos enrolados com versos que lhes diziam respeito. Para a parede de sua casa emoldurou poemas, em que lança o desafio da recepção do seu próprio trabalho, provocador por excelência: “Tem carranca com recorte/ criada por minha mão / com bichinhos diferente / que faz a circulação. / Mesmo as peças de Galdino / é uma adivinhação.” Em 1940 Galdino já havia ido para Caruaru, onde se casou com Maria Marciolina, rendeira e ceramista, teve três filhos e trabalhou em olaria, fazendo telha e tijolo. Empregado pela prefeitura, trabalhou como pedreiro. Começou, então, a iniciar-se na modelagem do barro. Durante

a Semana Santa fez um Judas para a Malhação. Quando a prefeitura mandou que rebocasse o posto de saúde do Alto do Moura, em 1974, teve finalmente a oportunidade de ver como disse, “tanta riqueza, tanta beleza na arte de um povo”. Referia-se aos ceramistas Zé Rodrigues, Zé Caboclo, enfim, a toda a verdadeira escola que se havia formado em torno do mestre Vitalino. Com o transporte apaixonado que caracteriza sua personalidade, abandonou em 30 dias o serviço público e mudou-se com a família para o Alto do Moura. Viveu sempre na pobreza, sendo obrigado, em alguns períodos, a executar serviços de vária natureza para sobreviver e conseguir permanecer na arte. Inteiramente diversa dos demais artistas da localidade, a sua grande e original produção na década de 1970 atrai particular atenção dos especialistas em arte e da mídia, e ele extrapola os limites do Alto do Moura para ser conhecido pela elite do país. A escultura de Galdino se distribui por duas grandes séries de trabalhos. A das figuras hieráticas, alongadas e aguerridas de cangaceiros, como Maria Bonita, ou de personagens como “Sonho realizado”, em que têm início as simbioses de humano e animal que virão a ser tão frequentes no seu trabalho.

A própria superfície das esculturas é também provocadora, aguerrida, no espinhado quase de cacto das roupas. Vê-se bem isto no Galdino poeta com seu violão. Em esculturas antológicas de quase um metro de altura, com inscrições no barro, como “Descobrimento do Brasil”, dos anos 1970, o aspecto de ferocidade da figura ainda humana, com um cocar na cabeça, trajes espinhados, é sublinhado pelos longos punhais em seu cinto. Na face posterior da escultura Galdino faz a incisão no barro das palavras que descrevem batalhas de “Jaraguá, de armas em punho, no túmulo do rei morto por um tabajara em uma aldeia africana, em 1413.” Tempos mitológicos, criados por ele para exprimir a sua percepção da história do país Brasil. Esse repertório de figuras desafiadores, tratado plasticamente com um verdadeiro esfolamento da matéria, desenvolve-se com inesgotável invenção ao longo das décadas de 1970 e 1980. Na década de 1990 o artista vai desenvolver outra grande série de figuras monstruosamente oníricas, como “Calango, Carranca corte de Vênus, Guariba Milena, Jaraguá”, em que o vestígio do humano é muito tênue. Em “Jaraguá”, um homem de face já simiesca cavalga um grande lagarto-dragão, cujo corpo tem resquícios de roda de carro. A antropomorfização do automóvel e do avião, que ele já começara nos anos 1980, chega aqui a transformar a máquina em coisa orgânica, imbricando-a, não sem sofrimento e humor, com o homem, seu condutor. Expões ele assim, com

muita modernidade, a questão da violência exercida pela tecnologia sobre o indivíduo. Movimentando como um mestre os segmentos diversos em que suas figuras vão se desdobrando em pernas, braços, cabeças, ele os escarifica, retalha, incisa. Estes seres são esfinges ameaçadoras, às vezes antropofágicas, ou híbridas, como “Lampião-sereia”. Seu trabalho foi destacado na exposição “Brésil, Arts Populaires” (Grand Palais, Paris, 1987). Integra o acervo de importantes coleções e de museus de arte popular do país.

Fonte: Pequeno Dicionário do Povo Brasileiro, século XX I Lélia Coelho Frota – Aeroplano, 2005



Vídeo do Mestre Galdino

[Clique aqui](#)

Exposições Coletivas:

2021 Poética da Criação, Museu do Pontal, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

2019 Fronteiras da Arte: Criadores Populares, Espaço Cultural BNDES, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

2019 Se Cria Assim, Galeria de Artes Mestre Galdino no Sesc Caruaru, Petropolis, PE, Brasil

2013 Criaturas Imaginárias, Museu de Arte Pontal, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

2012 Janete Costa “Um Olhar”, Museu Janete Costa de Arte Popular, Niterói, RJ, Brasil

2012 Teimosia da Imaginação - dez artistas brasileiros, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, SP, Brasil

2011 O Brasil na Arte Popular, Acervo Museu Casa do Pontal, Brasília, DF, Brasil

2010 Pavilhão das Culturas Brasileiras: Puras Misturas, Pavilhão de Culturas Brasileiras, Pq. Ibirapuera, São Paulo, SP, Brasil

Coleções Públicas:

Memorial Mestre Galdino, Carau, PE, Brasil

Museu do Pontal, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Publicações Selecionadas:

2013 Mestre Galdino: o ceramista poeta de Caruaru, autora Rosângela Ferreira de Oliveira Vitorino, São Paulo, Brasil

2012 Teimosia da imaginação: Dez artistas brasileiros, Maria Lucia Montes, Martins Fontes, São Paulo, SP, Brasil

2012 Janete Costa “Um Olhar”, Museu Janete Costa de Arte Popular, Niterói, RJ, Brasil

2005 Pequeno Dicionário do Povo Brasileiro, século XX, autora Lélia Coelho Frota, editora Aeroplano, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

1980 O Reinado da lua – escultores populares do Nordeste, editora Salamandra, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Exposições



2019 Fronteiras da Arte: Criadores Populares, Espaço Cultural BNDES, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Obras



João Marambá,
Cerâmica
39 x 22 x 23 cm | 15.35 x 8.66 x 9.06 in

Com um acervo entre os mais importantes do país, a Galeria Estação, inaugurada no final de 2004, consagrou-se por revelar e promover a produção de arte brasileira não erudita. A galeria foi responsável pela inclusão desta linguagem na cena artística contemporânea, ao editar publicações e realizar exposições individuais e coletivas dentro e fora do País.

A Galeria Estação trabalha com obras de conhecidos autodidatas oriundos de várias regiões do Brasil, como Agostinho Batista de Freitas, Alcides dos Santos, Amadeo Luciano Lorenzato, Artur Pereira, Aurelino dos Santos, Chico Tabibuia, Cícero Alves dos Santos-Véio, G.T.O, Gilvan Samico, Itamar Julião, João Cosmo Felix-Nino, José Antônio da Silva, José Bezerra, Manuel Graciano, Maria Auxiliadora, Mirian Inêsda Silva, Neves Torres, entre outros.

Atualmente a galeria vem incorporando ao seu elenco artistas pertencentes ao circuito artístico contemporâneo cujas obras dialogam com a criação não erudita, como André Ricardo, José Bernnô, Julio Villani, Germana Monte-Mór, Moisés Patrício e Santídio Pereira.

Partindo desta rara competência, o espaço consegue oferecer um panorama histórico e atual de uma produção que ultrapassou os limites da arte popular, ao mesmo tempo em que investiga nomes que, independentemente da formação, trabalham com elementos da mesma fonte.

Galeria Estação

Rua Ferreira de Araújo, 625 – Pinheiros – fone: (11) 3813-7253 De segunda a sexta, das 11h às 19h, sábado das 11h às 15h

www.galeriaestacao.com.br

contato@galeriaestacao.com.br